

# Quem conta um conto aumenta um ponto

experiências dialógicas e literárias no espaço  
universitário através do Projeto Clube do Conto

Berenice Rocha Zabbot Garcia  
Fernanda Cristina Cunha  
Isabela Giacomini

## Resumo

O presente artigo discute como o projeto Clube do Conto, vinculado ao Programa de Literatura Infantil Juvenil (Prolij) da Universidade da Região de Joinville (Univille) e à extensão universitária, é uma possibilidade de abertura às experiências dialógicas e literárias, com potencial aplicação em diversos contextos de educação formal e não-formal. O projeto configura-se com o objetivo de fomentar a discussão de obras literárias clássicas e contemporâneas, em forma de contos, com vistas à transformação do espaço acadêmico em também um espaço de fruição literária, considerando que a Academia, por sua natureza teórica e científica, tende muitas vezes a promover um afastamento entre os acadêmicos e suas leituras não obrigatórias e não curricularizadas. Tendo como alguns dos referenciais teóricos Barthes (1987), Chiarello (2013), Gohn (2006) e Marques (2004), além da pesquisa de base bibliográfica, pretende-se mostrar como o Clube do Conto enriquece as práticas de leitura na universidade, envolvendo acadêmicos, docentes, funcionários e a comunidade externa. O artigo contextualiza o projeto, traz embasamentos teóricos em defesa do dialogismo e da mediação de leitura, descreve qual é a metodologia utilizada para a curadoria dos textos e para a execução das rodas de discussão, além de trazer os resultados parciais e seus benefícios. Sugere-se também que o projeto seja adaptado e aplicado em outros contextos que estejam em busca de ações para imersão literária dos sujeitos envolvidos, sejam em escolas, universidades, centros sociais, programas de extensão ou projetos comunitários.

Palavras-chave: dialogismo; educação não-formal; experiências literárias; mediação de leitura.

## Introdução

O Programa de Literatura Infantil Juvenil da Univille (Prolij) surgiu em 1997 na Universidade da Região de Joinville, configurando-se como um projeto de extensão do curso de Letras, que tem como objetivo investigar a literatura infantil e juvenil e suas possibilidades de “o que”, “como”, “por que”, “para que”, e “para quem” ler. Com ele busca-se mostrar que a literatura infantil e juvenil não é somente voltada a este público, mas a quem tenha interesse pelo literário. Durante seus anos de atuação, o programa experimentou e executou diversos projetos de incentivo à leitura de livros infantis, juvenis e literários como um todo. Em 2017, as então extensionistas do programa, juntamente à coordenadora, elaboraram a ideia de criar uma roda de discussão sobre textos literários que fossem previamente lidos pelos participantes, com o objetivo de criar um clube de leitura. A ideia foi ganhando corpo e surgiu então o Clube do Conto, que iniciou no segundo semestre do mesmo ano, mantendo dois encontros mensais, com diferentes mediadores, sendo que em cada mês uma temática comum é levantada a fim de abarcar os dois contos selecionados.

O projeto teve e tem uma repercussão muito positiva no espaço universitário, possível de ser identificada pelo número de participantes nos encontros ao longo do período de sua atuação. O envolvimento, no entanto, não ficou restrito aos alunos da graduação, mas se estendeu aos mestrandos, aos professores universitários, aos funcionários da instituição e à comunidade externa a partir da ampla divulgação.

A criação do projeto Clube do Conto perpassou pela problemática identificada dentro das universidades de um modo geral, que é a do afastamento do estudante aos textos literários e da leitura frutiva pela carga de leituras teóricas que são exigidas nos cursos de graduação e pós-graduação, e, ao mesmo tempo, surgiu pelo olhar sensível à comunidade do entorno, preconizada pela extensão. Por meio dessa iniciativa, as comunidades acadêmica e não acadêmica são beneficiadas pela possibilidade de discussão do literário no coletivo, sem responsabilidades associadas; um espaço típico de educação não-formal em que todos os olhares são relevantes para a construção conjunta e para a problematização das temáticas. O debruçar-se sobre novos contos e autores, clássicos e contemporâneos, permite ainda que o leitor e participante tenha um maior acesso à literatura, que, possivelmente, não seria descoberta sem intervenções como essa.

Em um nível institucional, a relevância do projeto está associada ao envolvimento da comunidade, que, a partir dele, passou a frequentar a universidade constantemente, sentindo-se parte desse espaço. Sua importância está também associada ao envolvimento dos próprios estudantes, que têm e tiveram a oportunidade de vivenciar a extensão e aumentar as fronteiras do ensino superior, para além da sala

de aula. O Clube do Conto busca unir dois grandes pilares da universidade: extensão e ensino, potencializando o olhar crítico-reflexivo e contribuindo na formação de sujeitos observadores de sua realidade.

Nesse sentido, o artigo tomará como base a pesquisa bibliográfica, que auxiliará na compreensão de alguns processos importantes que ocorrem no Clube do Conto, especialmente no que tange à mediação de leitura, às relações dialógicas e experiências literárias. Serão abordadas também as metodologias utilizadas para execução do Clube do Conto, bem como para a seleção dos contos e dos mediadores, e, por fim, os resultados e benefícios já obtidos com o projeto, sugerindo-o para outras instituições, escolas e espaços que possam se interessar.

## Considerações sobre as práticas com a leitura literária

A leitura permeia as relações e necessidades humanas em suas variadas esferas. No entanto, no que se refere à leitura do texto literário, os hábitos de leitura não são tão perceptíveis, seja pela falta de acesso aos livros, pelo acúmulo de outras atividades em meio às rotinas agitadas da contemporaneidade, pelo desinteresse ou falta de incentivo ou pela necessidade que é colocada, em muitos casos, sobre a literatura precisar de objetivos e finalidades específicos para ser consumida. Quando a leitura é pensada dentro do espaço universitário, percebe-se que já é uma prática recorrente, típica e familiar, e que, de certa forma, não gera expectativas nos leitores, por ser em sua maioria técnica ou teórica, já esperada. E, quando, nesse espaço, ela é literária, está associada a trabalhos avaliativos, levando-a ao seu aspecto escolarizado, “academicizado” e não propriamente de fruição. Tomando como base a concepção de fruição de Barthes (1987), que a distingue de leitura de prazer, tem-se que:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, 1987, p.21).

Nesse sentido, a universidade, por preconizar o olhar crítico, a formação reflexiva e científica, precisa de momentos em que a fruição literária tenha espaço, uma vez que, com ela, bases ideológicas, históricas e psicológicas do sujeito podem ser repensadas e desestabilizadas. Contudo, a rotina nas Academias está quase que inteiramente voltada a leituras não frutivas, já que o deslocamento proporcionado

pelas leituras acadêmicas se dá por bases teóricas e não pela experiência literária em si, como no caso da fruição ou da leitura por prazer. Desse modo, o contato com a leitura frutiva só é possível, na maioria dos casos, para além da sala de aula, principalmente em práticas e intervenções propostas pela extensão universitária, que, de acordo com Chiarello (2013, p. 83):

[...] é uma função dialógica da universidade com a comunidade interna e com seu entorno. A matriz dialógica se configura pelas interfaces que esta estabelece com todos os segmentos da sociedade, com todo tipo de saberes e de realidades. É, portanto, a efetivação de um movimento dialético, que comunica e troca novos conhecimentos [...]. A extensão tem caráter mobilizador e transformador, pois que, interfere na própria ação da universidade, avaliando-a; e nos movimentos da sociedade, promovendo melhores condições para o exercício da cidadania. [...] ocupa-se com os resultados efetivos e os avanços qualitativos de todos os segmentos sociais com os quais se envolve.

A extensão universitária pode ser compreendida como um espaço não-formal de educação, que, segundo Gohn (2006, web):

[...] ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes.

Assim, é necessário que se criem oportunidades, seja pela extensão nas universidades, ou por outros fomentadores em espaços de educação não-formal, para a discussão do literário com vistas à fruição, no sentido de mexer e sensibilizar os leitores. Essa desestabilização e proposição de novos olhares ao texto, entretanto, é possível muitas vezes apenas na presença de um mediador de leitura, que instiga questionamentos e diálogos para com o dito e o não-dito, aquilo que não está aparente ao leitor em sua leitura individualizada. Segundo a autora Yolanda Reyes no Glossário Ceale, “os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem”.

Os mediadores de leitura, além de promoverem o encontro com o texto literário, permitem que relações dialógicas se estabeleçam, pois, na perspectiva do dialogismo bakhtiniano, o sujeito emerge do outro, ou seja, o diálogo sobre o texto literário constrói-se a partir de encontros e da polifonia entre os discursos

enunciados. Marques (2004, p. 4) afirma que, para Bakhtin, “o sujeito modifica seu discurso em função das intervenções dos outros discursos, sejam elas reais ou imaginadas. Portanto, o sujeito não é a fonte primeira do sentido”. É no e pelo diálogo com esses sujeitos heterogêneos que as experiências literárias se intensificam, pois diferentes perspectivas são apresentadas, de modo a ocorrer a mobilidade da leitura “cômuda” e já típica no cotidiano dos sujeitos.

O trabalho com o literário além do envolvimento, da polifonia e das relações dialógicas, permite que o leitor acesse a literatura e tenha uma imersão nela, um processo de identificação e de catarse. Segundo Neitzel (2006, apud OFFIAL, 2012):

[...] quanto mais acesso aos livros, mais possibilidade tem um indivíduo de compreender o mundo e o seu contexto, pois a leitura promove “enxergamentos” que ampliam o conhecimento e o autoconhecimento. Quando ouvimos que ler é dar asas à imaginação, é porque a leitura tira-nos de uma realidade para que, longe dela, possamos compreendê-la e, conseqüentemente, modificá-la.

Com isso, sugere-se e pretende-se que as experiências literárias sejam mais buscadas, em ambientes diversos, pois é com elas que os indivíduos projetam visões mais aguçadas sobre sua realidade, buscando sua modificação e a reflexão. Pela discussão da literatura, que traz temáticas de relevância e contemporâneas ao seu leitor, as pessoas podem se sensibilizar e ter visões mais críticas. Além disso, é pela leitura do literário, dada de modo dialógico, que se tem o essencial: a fruição, a partir de uma leitura livre, espontânea e com a única finalidade de ser questionada, repensada e dialogada no coletivo, fazendo o sujeito sentir-se parte do processo e da construção de novos olhares ou saberes.

## Metodologia

A presente pesquisa foi realizada em duas fases: iniciando pela pesquisa bibliográfica, para trazer bases teóricas sobre a mediação de leitura, a extensão universitária, a educação não-formal e as experiências literárias e dialógicas envolvidas no projeto e, posteriormente, foram analisados os dados e resultados obtidos ao longo do tempo de atuação do Clube do Conto na Univille.

No que se refere à metodologia do projeto, há cinco etapas centrais: a) a curadoria dos contos a serem discutidos; b) a escolha e convite dos mediadores; c) a divulgação dos encontros e da grade de discussões de cada mês e semestre; d) o encontro realizado em formato de roda de discussão; e) o registro dos participantes para sistematização dos dados e emissão de declarações.

A curadoria envolve toda a equipe de extensionistas do Prolij, em um movimento de leitura e seleção de obras que conversem entre si e possam ser abarcadas em um só tema, já que cada mês possui uma temática central. Nesse processo buscam-se elementos semelhantes nas mais diversas obras, para então, haver a escolha do tema central de cada mês, que sugere uma leitura sob aquela perspectiva. O movimento contrário também pode ocorrer, ao surgir uma ideia de tema buscam-se autores e obras que se envolvam com determinada temática.

A segunda etapa ocorre a partir da discussão entre as extensionistas e a professora coordenadora, levando em consideração a necessidade de trazer mediadores de diferentes áreas de conhecimento. O mediador também é escolhido a partir do teor do conto e das temáticas mais pertinentes que ele traz, para que sua área consiga dialogar com elas. Ao serem escolhidos, são enviados e-mails formalizando o convite, com informações sobre o que é o projeto, qual é o papel do mediador, onde e quando será o encontro e qual o conto proposto.

Posteriormente passa-se para a fase de divulgação dos encontros mensais, bem como da grade de contos a serem discutidos em cada semestre. Para isso, uma das bolsistas do programa é responsável pela produção gráfica de artes de divulgação, sendo flyers, posts para redes sociais e cartazes. Com todo o material produzido, são feitas divulgações via e-mail aos acadêmicos, nas redes sociais do programa e por meio de cartazes nos murais com maior circulação da universidade e nas salas de aula.

Na quarta etapa ocorre o encontro em si, realizado em uma sala de aula previamente reservada, onde as carteiras são dispostas de modo a formar um círculo, para que todos tenham visão uns dos outros. O encontro tem a duração de uma hora, em um horário estratégico (antes das aulas do período noturno), na qual o mediador inicia com suas indagações sobre a leitura e os participantes vão integrando a discussão e dialogando com os demais. Ao final, os participantes são convidados a sintetizarem o encontro através de uma palavra, desenho, frase ou trecho do conto, escrevendo em um post-it, que é disposto nas carteiras antes do encontro iniciar. Em seguida, cada um cola sua síntese em uma folha no centro da roda, contendo o título do conto e o autor, que fica sobreposta em uma mesa.

Por fim, a lista de chamada do encontro é arquivada, as presenças são contabilizadas em uma planilha e as horas de participação são somadas. No final de cada ano letivo, as declarações dos participantes são emitidas e disponibilizadas para retirada na sala do programa, localizada no interior da biblioteca universitária.

## Resultados e discussão

A partir das vivências proporcionadas pelo projeto, que teve o primeiro encontro

em agosto de 2017, e que continua a acontecer, atualmente com 24 encontros já executados (até o mês de maio de 2019, conforme quadro 1), foi possível verificar o engajamento de acadêmicos, de funcionários da instituição – entre eles, docentes – e da comunidade, e a quantidade de envolvidos desde o início da aplicação do projeto (quadro 2):

Quadro 1 - Contos e autores discutidos entre agosto/2017 e maio/2019

Ano	Tema do mês	Conto selecionado
2017	Mês das mulheres	“Tchau”, de Lygia Bojunga
		“A Diaba e sua Filha”, de Marie Ndiaye
	Mês dos cânones	“Angústia”, de Anton Tchekhov
		“Vermelho Amargo”, de Bartolomeu Campos de Queiroz
	Mês do terror	“O coração delator”, de Edgar Allan Poe
“Berenice”, de Edgar Allan Poe		
Mês do (quase) Natal	“O presente dos magos”, de O. Henry	
2018	Mês para pensar a literatura	“É um Livro”, de Lane Smith e “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector
		“Biblioteca de Babel”, de Jorge Luís Borges
	Mês dos espelhos	“Espelho”, de Machado de Assis
		“A Primeira Só”, de Marina Colasanti e “Espelho”, de Suzy Lee
	Mês dos rios	“A Terceira Margem do Rio”, de João Guimarães Rosa
		“Nas Águas do Tempo”, de Mia Couto
	Mês da caçada	“A Caçada”, de Lygia Fagundes Telles
		“Entre as Folhas do Verde O”, Marina Colasanti
	Mês para pensar a banalização da violência	“Maria”, de Conceição Evaristo
		“Uma Vela para Dario”, Dalton Trevisan
Mês do terror	“A Mão do Macaco”, de W. W. Jacobs	
	“O chamado de Cthulhu”, de H.P. Lovecraft	
Mês do (quase) Natal	“A Árvore de Natal na Casa de Cristo”, de Fiódor Dostoiévski	
2019	Abril Mundo: “pela estrada a fora”	“O paraíso são os outros”, de Valter Hugo Mãe
		“A pequena sereia”, de Hans Christian Andersen
	O efeito do estranhamento	“A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector
		“O pequeno monstro verde”, de Haruki Murakami

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Quadro 2 – Origem dos participantes envolvidos no Clube do Conto

Origem dos participantes	Índice de participação (%)
Acadêmicos	71,6
Comunidade	18,4
Funcionários da instituição	10
Total de participantes: 120	

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Com tais dados, percebe-se que um número significativo de pessoas pôde ser beneficiado de alguma forma, seja pelo acesso ao texto literário que possivelmente não seria descoberto de outras formas, pela possibilidade de discussão de algum conto que já pertencia ao repertório, mas que até então não pudera ser explorado, ou ainda pela oportunidade de construir relações dialógicas com o grupo e tecer discussões sobre o literário e o contemporâneo a partir da fruição. Vale ressaltar que entre os participantes estão os mediadores dos encontros, que foram abaixo elencados por áreas do conhecimento:

Quadro 3 – Grande área de atuação dos mediadores já envolvidos no Clube do Conto

Grande área do conhecimento	Índice de participação por área (%)
Letras	63,1
História	15,7
Artes Visuais	5,2
Jornalismo	5,2
Psicologia	5,2
Comunidade	5,2

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Levando em consideração esses índices, nota-se que, embora o curso de Letras tenha prevalência, por estar diretamente atrelado ao Prolij e à proposta do projeto, outras áreas de conhecimento foram envolvidas. Esse envolvimento apenas é possível diante do zelo em selecionar contos que conversem com os mais diversos campos de atuação, proporcionando diferentes leituras, questionamentos e percepções aos encontros.



## Considerações finais

Com base nos aspectos discutidos no decorrer do artigo e nas experiências promovidas pelo projeto Clube do Conto foi possível evidenciar a significância dele no espaço universitário. Embora o projeto tenha se iniciado timidamente, com receios de não haver adesão, a possibilidade de ter um espaço aberto a discussões sobre o literário e o contemporâneo chamou pessoas de diversas áreas. Entre os acadêmicos mencionados nos resultados, estão envolvidos os cursos de Letras, História, Biologia, Pedagogia, Odontologia, Direito, Design, Psicologia, mestrado em Educação, entre outros, além da comunidade que tem participado ativamente e com regularidade dos encontros propostos.

Muitos dos professores mediadores também tiveram a experiência de estar no Clube do Conto pela primeira vez como mediadores e a partir de então criaram um vínculo com o grupo e participam frequentemente, discutindo e contribuindo para com as relações dialógicas.

O projeto traz à luz a necessidade que se tem de haver momentos de troca, de discussão e de construção coletiva, sem acontecerem avaliações ou juízos de valor. Fica notável ainda que a universidade precisa de ações como tal para efetivar um de seus tripés- a extensão. Essas ações, no entanto, não devem ser concebidas como uma mera promoção da instituição ou dos programas nela existentes, mas sim como uma possibilidade de abertura e convite a todos que se interessem, nesse caso, pela imersão no texto literário a partir do gênero conto.

O gênero escolhido, por sua vez, também tem demonstrado bons resultados, pois, por ser uma narrativa curta e intensa, as pessoas são motivadas a o lerem, pois sentem a necessidade de ver o que há de tão rico em poucas páginas. Vale ressaltar ainda que, em todas as divulgações dos encontros o link para acesso aos contos é disponibilizado, e, em diversas situações, pessoas relatam que os leram mesmo estando ausentes nos encontros. Outro fator relevante é a inscrição dos participantes via formulário online, pois esta é uma formalização do vínculo com o grupo, mesmo que não estejam sempre presentes.

Com isso, sugere-se que o projeto Clube do Conto seja adaptado e executado em diferentes locais: escolas, centros sociais, universidades, projetos comunitários, entre outros, pois, acredita-se que uma proposta que tem se mostrado tão pertinente não possa ficar limitada a uma instituição ou a um grupo de pessoas. Esse projeto pode ser pensado para se trabalhar com práticas educativas formais e não-formais, tanto visando o incentivo à leitura literária como a possibilidade de fomentar discussões e envolvimento dialógicos entre os sujeitos. O que deve ser sempre levado em consideração é que a literatura, enquanto manifestação artística, precisa expandir-se nas mais variadas relações e contextos, potencializando os espaços de liberdade que propõe.

## Referências

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CHIARELLO, Ilze Salete. A função dialógica da extensão universitária. **Professare**, Caçador, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.uniarp.edu.br/professare/article/view/317>>. Acesso em: 28 mai. 2019.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 2006. Faculdade de Educação- USP Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 28 mai. 2019.

MARQUES, Maria Celeste Said. Bakhtin: apontamentos temáticos. **Primeira Versão**, Porto Velho, 2004. Disponível em: <[http://www.primeiraversao.unir.br/artigos\\_volumes/numero161Celeste.pdf](http://www.primeiraversao.unir.br/artigos_volumes/numero161Celeste.pdf)>. Acesso em 28 mai. 2019.

OFFIAL, Patrícia Cesário Pereira. **Formação estética e literatura**. In: IX ANPED SUL- SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2568/768>>. Acesso em: 28 mai. 2019.

REYES, Yolanda. **Mediadores de Leitura**. In I. C. A. Frade, M. G. Val, & e M. G. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação.

### Sobre as autoras

**Berenice Rocha Zabbot Garcia**. Doutora em Educação pela PUC-SP, professora do curso de Letras e do mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville e coordenadora do Programa de Literatura Infantil e Juvenil da Univille (Prolij). E-mail: berenice.rocha@univille.br.

**Fernanda Cristina Cunha**. Acadêmica de Psicologia da Universidade da Região de Joinville e extensionista do Programa de Literatura Infantil e Juvenil da Univille (Prolij). E-mail: fercunhac@gmail.com.

**Isabela Giacomini**. Acadêmica de Letras da Universidade da Região de Joinville e extensionista do Programa de Literatura Infantil e Juvenil da Univille (Prolij). E-mail: isabela.giacomini@hotmail.com.